

ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA

SIMPÓSIO DA FÉ – Ano da Fé 2013¹

Dom José Luiz Gomes de Vasconcelos

TEMA: “*A fé na tradição da Igreja – patrística*”.

1 - Introdução

Antes de adentrarmos propriamente no tema que nos é proposto, isto é, “*A fé na tradição da Igreja*”, dando um enfoque na teologia patrística, julgo necessário estabelecer certos pressupostos sem os quais a nossa reflexão tornar-se-á de difícil compreensão para alguns:

1.1– O que significa Tradição viva da Igreja?

a) Tradição não significa tradicionalismo

O nosso tema é a fé na “Tradição da Igreja”. O que isso lhe parece? O que entendemos por TRADIÇÃO?

Para muitos esta palavra não cheira muito bem. Tradição parece com tradicionalismo. Tradicionalismo significa apego exagerado às tradições culturais, filosóficas e/ou teológicas. Exagero tal que impede um avanço efetivo no bem estar dos indivíduos e nas suas relações. O Tradicionalismo é visto como característica de *indivíduos que rejeitam a modernidade cultural, social, resistindo como podem às mudanças que inexoravelmente ocorrem ou ocorrerão*.

Quando nos referimos à Tradição da Igreja estamos abordando um outro conceito: “*Tradição*” *significa continuidade, permanência de uma Doutrina, de uma tese, de hábitos, de valores, de manifestações culturais, etc.* que são repassados de geração a geração dentro de uma sociedade, ou de um grupo social formado pelos mais variados indivíduos e/ou motivos.

Em 1985, o então cardeal Ratzinger assim definiu o que a Igreja entende por Tradição:

¹ Este texto foi produzido em vista de uma conferência proferida no *Simpósio da fé*, promovido pela Arquidiocese de Fortaleza nos dias 21 e 22 de setembro de 2013 para um público amplo e heterogêneo. Utilizamos uma linguagem coloquial, sempre partindo de conceitos básicos, evitando uma linguagem erudita que poderia tornar-se incompreensível para a maioria,

“A tradição é a capacidade dos grupos humanos de transmitir a cultura criada pelo conjunto dos indivíduos que os compõem, de multiplicá-la, enriquecê-la e conservá-la de geração em geração.”²

O mesmo autor, já como Papa, em audiência pública na Praça de São Pedro, aos 26 de abril de 2006, utilizou-se de uma bela metáfora para, como lhe é próprio, de maneira fácil, falar de coisas difíceis, assim se referiu à Tradição da Igreja:

“A Tradição não é transmissão de coisas ou palavras, uma coleção de coisas mortas. A Tradição é o rio vivo que nos liga às origens, o rio vivo no qual as origens estão sempre presentes. O grande rio que nos conduz ao porto da eternidade. E sendo assim, neste rio vivo realiza-se sempre de novo a palavra do Senhor, que no início ouvimos dos lábios do leitor: "E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 29, 20)”³.

Tradição, portanto, significa outra coisa. Não é sinônimo de tradicionalismo.

A *Sagrada Tradição* está na raiz da fé que professamos. Não podemos neste momento deixar de lembrar que a própria Bíblia, fonte da Revelação é fruto da Tradição. Os livros bíblicos, antes de serem escritos, foram vividos, celebrados e transmitidos oralmente, isto se chama Tradição.

Não podemos deixar de perguntar: Quem definiu que cada um dos livros que compõem a Sagrada Escritura é de inspiração Divina? Foi o Espírito Santo agindo através da Tradição e do Magistério da Igreja⁴, particularmente dos Padres da Igreja. Foram considerados canônicos aqueles livros inspirados por Deus que sempre foram usados pelas comunidades crentes ao longo dos anos. Foram rejeitados textos que, embora antigos, embora muitas vezes atribuídos a uma personagem bíblica, eram desconhecidos, não faziam parte da tradição das comunidades, são textos “*apócrifos*”, isto é, *ocultos*.

Do que viveu a Igreja Católica primitiva, durante os primeiros anos de pregação quando o Novo Testamento ainda não havia sido escrito? Viveu e sobreviveu da Tradição viva da Igreja.

² RATZINGER, J. *Teoría de los principios teológicos*, Barcelona, 1985,98.

³ Bento XVI, *A comunhão no tempo: a Tradição*. Audiência pública, 26/04/2006 em www.vatican.va acessado aos 18/09/2013.

⁴ Cf. *Dei Verbum* 8

b) *A Tradição segundo o Concílio Vaticano II*

O Concílio Vaticano II, cujos cinquenta anos estamos comemorando, na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Palavra de Deus, estabelece um estreito vínculo entre Sagrada Escritura e Sagrada Tradição. Fundamentando-se na própria Palavra de Deus, lembra as palavras de São Paulo na segunda *Carta aos tessalonicenses*:

“Portanto, irmãos, ficai firmes; guardai as tradições que vos ensinamos oralmente ou por escrito” (2Tes 2,15).

A *Dei Verbum* admite que “*não é só da Sagrada Escritura que a Igreja tira a sua certeza, a respeito de todas as coisas reveladas.*”⁵

De fato, se lermos a conclusão do Evangelho segundo São João, este afirma que “*Jesus fez ainda muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro*” (20,30), e também que “*Há ainda muita outras coisas que Jesus fez. Se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam*”(21,23). Para exemplificar utilizando-se da mesma Sagrada Escritura, o autor dos *Atos dos Apóstolos* nos informa que Jesus disse: “*Há mais alegria em dar que em receber*”. (20,35) Esta frase de Jesus não se encontra escrita em nenhum dos Evangelhos. Onde o autor dos *Atos* a encontrou? Na mesma fonte de onde escreveu o seu Evangelho: a Sagrada Tradição.

O Concílio Vaticano II nos garante que toda Sagrada Escritura é fonte da Revelação⁶ e que a Sagrada Tradição em nenhum momento se antepõe à Sagrada Escritura, mas que “*a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura estão estreitamente relacionadas entre si, derivando ambas da mesma fonte divina, formam como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim*”⁷.

O Concílio acrescenta ainda: “*Esta Sagrada Tradição, que se origina dos apóstolos, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo*”⁸.

Comentando o assunto, o Papa Bento XVI na *Verbum Domini* nos explicou: “*a Revelação progride na tradição não no sentido de mudar na sua verdade, que é perene, mas ‘progride a percepção tanto das coisas*

⁵ DV 9

⁶ DV 11

⁷ DV 9

⁸ DV 8

*como das palavras transmitidas, com a contemplação e o estudo, com a inteligência dada por uma experiência espiritual mais profunda*⁹”.

Em 1989 a Congregação para a Educação Católica da Santa Sé, publicou o documento sobre o estudo dos Padres da Igreja na formação Sacerdotal e assim se pronunciou em nome da Santa Sé:

*“Ao longo da história a reflexão teológica nunca renunciou à presença animadora e orientadora dos Padres. Ao contrário, sempre teve a viva consciência que nos Padres encontramos algo de singular, de irrepetível e perenemente válido, que continua a viver e a resistir à fugacidade do tempo.”*¹⁰

De fato, nem a teologia, nem o Magistério da Igreja jamais ignoraram os ensinamentos dos Padres da Igreja. Nos escritos pontifícios e nos pronunciamentos do Magistério da Igreja a citação dos Padres da Igreja ao longo dos séculos sempre foi frequente e abundante.

c) O Papa Francisco e a Tradição da Igreja

O nosso Papa Francisco naturalmente não ignora a Sagrada Tradição. Pelo contrário, na sua Encíclica *Lumen Fidei* já inicia dizendo assim:

“A LUZ DA FÉ é a expressão com que a tradição da Igreja designou o grande dom trazido por Jesus.”

No III capítulo da mesma encíclica, o Santo Padre nos apresenta de forma metafórica uma belíssima imagem:

*“A fé transmite-se por assim dizer sob a forma de contato, de pessoa a pessoa, como uma chama se acende noutra chama.” (...)*¹¹

A transmissão da fé, que brilha para as pessoas de todos os lugares, passa também através do eixo do tempo, de geração em geração. Dado que a fé nasce de um encontro que acontece na história e ilumina o nosso caminho no tempo, a mesma deve ser transmitida ao longo dos séculos. É através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos que nos chega o rosto de Jesus. (...) O passado da fé, aquele ato de amor de Jesus que gerou no mundo uma vida nova, chega até nós na memória de outros, das testemunhas, guardado vivo naquele sujeito único de

⁹ Bento XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Verbum Domini*, 17.

¹⁰ Congregação para a Educação Católica (Dos seminários e institutos de ensino), *Istruzione sullo studio della Chiesa nella formazione sacerdotale* - Roma 1989, Introdução, 2.

Cf. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/index_po.htm

¹¹ Papa Francisco *Carta Encíclica Lumen Fidei*, 37

memória que é a Igreja; esta é uma Mãe que nos ensina a falar a linguagem da fé.”¹²



Isto se chama Tradição Viva da Igreja. O Papa Francisco explicita que a luz da fé chega até nós através da Tradição:

“É através da Tradição Apostólica, conservada na Igreja com a assistência do Espírito Santo, que temos contato vivo com a memória fundadora. (...) Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros”.¹³

Este era um primeiro pressuposto que gostaria de estabelecer. Vamos ao segundo:

1.2 – *O que entendemos por Patrística?*

Um grande teólogo francês, jesuíta, também cardeal, que grande influência teve no Concílio Vaticano II, *Henri de Lubac*, pronunciou certa vez um frase que se tornou emblemática para o tempo que se estava vivendo. Disse ele:

“Todas as vezes que, no Ocidente tem florescido alguma renovação, tanto de ordem do pensamento como na ordem da vida – ambas estão ligadas uma à outra - tal renovação tem surgido sob o signo dos Padres”.

Esta frase denota muito bem o espírito do Concílio Vaticano II que tinha como meta renovar a Igreja, mas renovar não a partir de uma mentalidade moderna, não a partir de uma ruptura com o passado, mas, renova-la a partir de uma *volta às fontes*, um retorno às origens, à finalidade estabelecida pelo seu fundador Jesus Cristo.

De fato, em qualquer tempo, se quisermos ser mais autênticos na nossa vida cristã, devemos nos perguntar: como viviam os primeiros cristãos? Como aqueles que estiveram mais próximos da fonte inesgotável que é Cristo compreenderam, interpretaram e transmitiram os seus ensinamentos? E aí nós nos deparamos com o *período patrístico*, isto é, o período dos Padres da Igreja situado na era pós apostólica, na antiguidade cristã.

¹² Idem.

¹³ Idem 40

Quando falamos em “**Padres da Igreja**” não estamos falando do clero de ontem ou de hoje, estamos falando daqueles que são considerados os “**Pais da Igreja**”, assim chamados porque *foram eles que firmaram os conceitos da nossa fé*, enfrentaram muitas heresias, alguns inclusive derramaram seu sangue pela fé e, de certa forma, foram responsáveis pelo que hoje chamamos de Tradição da Igreja; sem dúvida, *depois de Jesus e dos apóstolos e seus ensinamentos, são a fonte mais rica de toda a teologia cristã*.

- Foram os Padres da Igreja que definiram, à luz do Espírito Santo, o Cânon da Sagrada Escritura para os cristãos.
- Foram eles que elaboraram as primeiras formas litúrgicas que se perpetuaram tanto no Ocidente como no Oriente;
- Foram os Padres os pais da teologia dogmática;
- Os que elaboraram as bases do Direito Canônico;
- Também os primeiros a elaborar as bases do que hoje chamamos Doutrina Social da Igreja.
- ***Os Padres da Igreja, enfim são testemunhas privilegiadas da Sagrada Tradição.***

Os Padres da Igreja são os escritores eclesiásticos antigos caracterizados por sua santidade de vida, por seu profundo conhecimento das Escrituras e da doutrina da fé e pela responsabilidade que exerceram na Igreja Antiga, pois eram, sobretudo, bons pastores. São considerados como as *testemunhas privilegiadas da Tradição*, pois nos unem aos ensinamentos recebidos dos Apóstolos e à Igreja de todos os tempos. *A Igreja ensinou que o consenso patrístico unânime constitui regra certa para interpretar a Sagrada Escritura*¹⁴.

Abundantes são os escritos dos Padres da Igreja, que para defenderem a integridade da fé, combatem heresias, como o Marcionismo, que afirmava que o Deus do AT não é o mesmo Deus revelado por Jesus Cristo e assim queriam rejeitar totalmente o Antigo Testamento. Quem definiu que o Antigo e o Novo Testamento fossem enfeixados em um único volume,

¹⁴ Conc. de Trento, DZ 786, Vaticano I, DZ 17888

tendo Jesus Cristo como chave hermenêutica entre ambos, dando, portanto, igual valor aos dois, foi a Tradição através dos Padres da Igreja.



1.2.1 – O Papa Francisco e os Padres da Igreja

O Papa Francisco, na já citada Encíclica *Lumen Fidei* demonstra seu apreço aos Padres da Igreja. Já no primeiro parágrafo cita um Padre da Igreja, filósofo e mártir *São Justino*, martirizado por volta do ano 165. O Papa Francisco cita São Justino ao lembrar que nos primeiros séculos do cristianismo quando os pagãos adoravam o Sol (que é incapaz de iluminar todas as dimensões da vida), São Justino disse: “*Nunca se viu ninguém pronto a morrer pelo sol*”, consciente do amplo horizonte que a fé lhe abria ao considerarem Cristo como o “Sol nascente que nos veio visitar”, “*cujos raios dão a vida*”; e aqui o Papa Francisco cita outro Padre da Igreja, *Clemente de Alexandria*, teólogo, apologista e bispo de Alexandria no Egito, falecido por volta do ano 215, elogiado por São Jerônimo por “suas insignes obras, pela riqueza de sua doutrina e eloquência em suas exposições”¹⁵. É curioso observar que nesta Encíclica o Papa Francisco cita dezessete vezes os Padres da Igreja. Isto só para dar um exemplo da importância que o ensinamento dos Padres ocupa no Magistério da Igreja de todos os tempos.

1.2.2 – O que caracteriza os Padres da Igreja

Não temos tempo e não é nosso propósito neste momento dar uma aula de Teologia Patrística ou de Patrologia. Mas só a título de informação:

- São quatro os dados que caracterizam um Padre da Igreja segundo a teologia patrística:

- a) *Antiguidade*: O Padre da Igreja é um cristão teólogo - padre, bispo ou leigo - cujas obras se situam entre a era apostólica até *Santo Isidoro de Sevilha* (636) no Ocidente e *São João Damasceno* (750) no Oriente;

- b) *Doutrina ortodoxa* – Em toda a sua teologia, devem estar em comunhão doutrinária universal da Igreja; o que, porém, não significa isenção absoluta de erro em todos os pormenores de sua doutrina.

¹⁵ Cf. São Jerônimo, *De viris illustribus*, XXXVI

c) *Santidade de vida* – Santidade no sentido da Igreja primitiva, em que a veneração dos santos se apoiava não na canonização expressa, mas no reconhecimento e na veneração da vida exemplar por parte do povo fiel.

d) *Aprovação eclesiástica* – O reconhecimento, especialmente, como e por quem o autor é citado; não se limita, portanto, a um reconhecimento, necessariamente expresso, de sua pessoa e doutrina pelo ministério da Igreja.

1.2.3 – *Por fim há uma diferença entre a terminologia Patrística e Patrologia:*

- ✓ *Patrística* designa o estudo da teologia dos Padres da Igreja;
- ✓ *Patrologia* designa o estudo da vida e das obras dos Padres da Igreja.

A partir do ano 95 d.C., os líderes cristãos, começaram a ser chamados de "*Pais da Igreja*"¹⁶, como uma forma carinhosa, por sua lealdade à doutrina revelada por Deus.

Os "*Pais da Igreja*" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram confirmando e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja.

Os textos patrísticos¹⁷ são de altíssima importância para o cristianismo, pois através deles é que podemos saber o que a Igreja primitiva pregava e qual foi a fé dos primeiros cristãos.

2 – A teologia da fé que brota dos escritos patrísticos

Pois bem, feitos estes necessários esclarecimentos, se quisermos, no espírito do Concílio Vaticano II "*voltar às fontes*", devemos nos aproximar destas obras com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. Assim as obras dos Padres da Igreja se nos reverterão em

¹⁶ Os apóstolos de Cristo, não obstante a advertência contrária do Mestre (Mt 23,9), assumem e incorporam este título de pai, de paternidade em relação aos fiéis e comunidades (cf., p. ex., 1Cor 4, 14s).

¹⁷ Não confundir com "*literatura cristã antiga*", disciplina não teológica que estuda os aspectos filológicos dos escritos antigos.

fonte de luz, alegria e fortalecimento desta fé que recebemos dos Apóstolos de Jesus Cristo através da Tradição da Igreja.

Optamos neste nosso estudo por não tratar apenas do conceito de fé, embora este aspecto não deixe de ser levado em consideração. O que mais nos fascina nos escritos patrísticos sobre a fé são os seguintes aspectos:

- ✚ *A vivência da fé e a transmissão da fé;*
- ✚ *O compromisso com a fidelidade ao conteúdo e unidade da fé;*
- ✚ *E o testemunho da fé no período patrístico.*

Isso tudo chamamos de “*Teologia da fé*” nos escritos dos Padres da Igreja. Vejamos estes três pontos:

2.1 – A vivência e a transmissão da fé no primeiro período da patrística.

No primeiro período da teologia patrística, conhecido como *período das origens*, que vai da era apostólica até o *Concílio de Niceia*, na época do Imperador Constantino (325), os primeiros textos que chegaram até nós são os escritos dos “*Padres Apostólicos*”.

Chamam-se os “*Padres Apostólicos*” aqueles escritores que, se não conviveram com os apóstolos, tiveram contato com imediatos discípulos dos mesmos e, por isto, fazem ressoar muito vivamente o pensamento dos Apóstolos. São eles:

- São Clemente de Roma (+102);
- Santo Inácio de Antioquia (+107);
- São Policarpo de Esmirna (+156);
- O pseudo Barnabé;
- Papias de Hierápolis (+ após 130);
- Pastor de Hermas (+150 aproximadamente).
- A estes autores é costume acrescentar a *Didaqué*, (catecismo de fins do século I ou início do século II).
- Alguns autores incluem neste elenco a *Carta a Diogneto* (escrita mais no fim do séc. II).

Enquanto monumentos do cristianismo primitivo e veneráveis testemunhos da tradição dogmática, possuem estes escritos extraordinário valor; alguns foram temporariamente considerados canônicos.

Tais escritos são elos intermediários entre os escritos do Novo Testamento (*aos quais se assemelham por seu caráter simples e didático*) e à literatura cristã imediatamente posterior – característica esta que lhes confere valor e autoridade especiais.

Estes escritos têm em comum algumas características:

- ❖ *São cartas ou instruções* que, além de atenderem às circunstâncias imediatas e ao próprio destinatário, haviam de servir de exortação de uma comunidade mais antiga a outras comunidades, sendo, por esta razão, transmitidas e colecionadas.
- ❖ Assemelham-se bastante, em conteúdo e forma, às cartas apostólicas; seus autores procuram mostrar aos fiéis, em termos despretensiosos, a importância da salvação manifestada em Cristo, e fortalecer-lhes a esperança na volta do Senhor.
- ❖ Manifestam uma preocupação com a obediência aos pastores das comunidades, com a *sucessão apostólica* e acautelam-nas contra *heresias e cismas*.
- ❖ Estão longe de empregar uma argumentação científica do cristianismo em geral ou de verdades de fé, fato que irá ocorrer com os chamados *Padres apologistas* do século II;
- ❖ Caracterizam-se ainda *pela perseguição, marcada pelo anúncio querigmático, e pela espiritualidade do martírio*.

2.1.1 – A vivência da fé: a “ortopraxis”.

[Evidentemente não temos condições de, em uma palestra de tão pouco tempo, estudarmos com profundidade e detalhadamente assunto tão rico e abrangente, de modo que me limitarei apenas em ilustrar com alguns textos riquíssimos da era patrística o nosso assunto.]

Causa-nos fascinação a preocupação dos cristãos pós-apostólicos, especialmente dos Padres da Igreja com a vivência da fé. *Como vivenciavam a fé os primeiros cristãos?* Encontramos o primeiro retrato da comunidade cristã primitiva nos *Atos dos Apóstolos* em textos por nós conhecidos e que servem de paradigma para todas as gerações. Lá está escrito que os cristãos “*eram um só coração e uma só alma, que ninguém dizia que eram suas as coisas que possuíam mas que tudo entre eles era em comum*”. (At 2,42-47; 4,32-34)

Com a expansão do cristianismo e o incômodo que estes causavam às populações politeístas por não participarem do culto aos deuses locais e posteriormente do culto ao imperador, os cristãos foram incompreendidos e perseguidos por estas populações. É neste contexto que nós encontramos um texto patrístico de um autor desconhecido, destinado a um pagão chamado Diogneto, composto talvez em Alexandria por volta do ano 200. O texto nos apresenta um retrato vibrante de como os cristãos do final do II século vivenciavam a sua fé:

“Os cristãos não se distinguem dos outros homens nem pelo país, nem pela linguagem, nem pelo vestuário. Eles não habitam cidades que lhes sejam específicas, não fazem uso de um dialeto extraordinário e seu modo de vida nada tem de singular (...). Eles se distribuem pelas cidades gregas e bárbaras, aceitando a parte que lhes cabe; amoldando-se aos usos locais no que se refere às vestes, à alimentação e à maneira de viver, embora manifestem as leis extraordinárias e verdadeiramente paradoxais de uma república espiritual.

Cada um deles reside em sua própria pátria, mas como estrangeiro domiciliado. Eles cumprem os seus deveres de cidadãos e aceitam todos os encargos como estrangeiros. Toda terra estrangeira é sua pátria e toda pátria, uma terra estrangeira. Eles se casam como todo mundo, têm filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Partilham todos a mesma mesa, mas não o mesmo leite.

Eles estão na carne, mas não vivem segundo a carne. Passam sua vida na terra, mas são cidadãos do céu. Obedecem às leis estabelecidas e sua maneira de viver supera, em perfeição, essas leis. Eles amam todos os homens e todos os perseguem. São desprezados e condenados; são mortos e, com isso, ganham a vida. Eles são pobres e enriquecem um grande número de pessoas. Falta-lhes tudo, mas têm todas as coisas em abundância. São menosprezados e, nesse menosprezo, encontram sua glória. São caluniados e se justificam. São insultados e bendizem (...).

Numa palavra, o que a alma é no interior do corpo, os cristãos o são no mundo. A alma se difunde por todos os membros do corpo, como os cristãos nas cidades do mundo. A alma habita o corpo e, no entanto, não é do corpo, como os cristãos habitam o mundo, mas não são do mundo (...). A alma se torna melhor ao se mortificar pela fome e pela sede: perseguidos, os cristãos dia-a-dia se multiplicam sempre mais. Tão nobre é o posto que Deus lhes concedeu que não lhes é permitido desertar”.

Este rico texto patrístico mostra como viviam os cristãos por volta do segundo século do cristianismo. Era este testemunho de vida que atraía à fé cristã e fazia aumentar esta comunidade. O que mais atraía não era a palavra eloquente e persuasiva dos pregadores missionários, mas a fé testemunhada na vida dos seguidores de Jesus.

Tudo isto era fruto de uma instrução, de uma catequese e de uma espiritualidade que formavam esta nova comunidade emergente que a todos fascinava.

Os cristãos eram instruídos em uma moral, um comportamento, uma maneira de ser que contrastava com o mundo pagão que os envolvia. Esta instrução provinha dos ensinamentos revolucionários de Jesus Cristo que ensinavam a amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como Ele nos amou. Amou a humanidade de tal forma que deu sua vida por ela. Jesus ensina, inclusive, a amar os inimigos, a não revidar, a dar o outro lado da face para bater a quem o esbofetear, a vencer o mal com o bem. O amor, característica principal dos cristãos, era sinônimo de caridade concreta. A preocupação primeira dos Padres da Igreja era que os cristãos vivessem segundo este ensinamento de fé.

2.1.1 – *A Didaqué, ou Ensino dos Apóstolos.*

Um texto patrístico antiquíssimo, *um dos primeiros catecismos dos primeiros cristãos*, escrito mais ou menos na época em que foi escrito o Evangelho segundo João, isto é, entre os anos 70 a 120, e que chegou até nós chama-se *DIDAQUÉ* ou *Ensino dos Doze Apóstolos*¹⁹.

Neste texto, as regras morais são apresentadas sobre a imagem dos *Dois Caminhos: o do bem, isto é, o caminho da vida, e o caminho do mal, o caminho da morte*. Gostaria de apresentar apenas uma amostra do precioso texto, um aperitivo.

O texto começa assim:

¹⁸ Em *Padres Apologistas*, coleção Patrística, vol 2, São Paulo: Paulus, 2005, pp.22-24.

¹⁹ Trata-se de uma pequena obra composta de 16 pequenos capítulos dividida em três partes e acrescida de uma conclusão. A primeira parte os cc. 1-6 formam uma parte doutrinal catequética. Contém instruções morais, orientações sobre a maneira de instruir os catecúmenos. Os cc. 7-10 formam a segunda parte. Dão instruções litúrgicas. A terceira parte é proposta pelos cc. 11-15. Eles expõem as instruções disciplinares e prescrevem o que há de ser observado pelos fiéis que vêm de fora e o que devem fazer na comunidade.

“Existem dois caminhos: um é o caminho da vida, e o outro, o da morte. A diferença entre os dois é grande.

O caminho da vida é este: em primeiro lugar, ame a Deus, que criou você. Em segundo lugar, ame a seu próximo como a si mesmo. Não faça a outro nada daquilo que você não quer que faça a você. O ensinamento que deriva dessas palavras é o seguinte: bendigam aqueles que os amaldiçoam e rezem por seus inimigos, e ainda jejuem por aqueles que os perseguem²⁰”.

Observemos que a catequese da era pós-apostólica é o Evangelho sendo re-apresentado. Temos neste texto indicações curiosas para a época e pertinentes para todos os tempos. Por exemplo:

- “Dê a quem pede a você e não peça para devolver, pois o Pai quer que os seus bens sejam dados a todos. Ai de quem recebe: se recebe por estar necessitado, será considerado inocente; mas se recebe sem necessidade, deverá prestar contas do motivo e da finalidade pelos quais recebeu”²¹.
- “Não mate, não cometa adultério, não corrompa os jovens, não fornicar, não roube, não pratique magia, nem feitiçaria. Não mate a criança no seio de sua mãe, nem depois que ela tenha nascido.”²²
- “Não se engrandeça a si mesmo, nem se entregue à insolência. Não se junte com os “grandes”, mas converse com os justos e pobres²³”.
- “Não dê ordens com rudeza ao seu servo ou à sua serva, pois eles esperam no mesmo Deus que você, para que não percam o temor de Deus, que está acima de uns e outros”²⁴.

A *Didaqué* nos revela no seu capítulo VIII o ritual da celebração eucarística bem semelhante a que celebramos hoje. Demonstra que a nossa liturgia não foi inventada, mas é fruto de uma rica espiritualidade. Espiritualidade que leva os cristãos a mergulhar nos mistérios divinos os quais nos foram transmitidos através da tradição cristã milenar que perpassa os séculos.

Como vemos a catequese da fé em Jesus é puro Evangelho, cujo conteúdo revoluciona a sociedade pagã de então. Os cristãos vivem de acordo com este ensinamento; *fé e vida não se separam*. A lei era esta: “*lex*

²⁰ *Didaqué*, em Coleção patrística, vol. 1, Paulus, I, 1. p. 344-345. S. Paulo SP, 2002

²¹ Idem, I, 1-2. Pp. 344-345.

²² Idem. II,2. p. 345

²³ Idem, III, 9. p. 347.

²⁴ Idem IV, 10. p. 349.

credendi – lex vivendi”, “*aquilo que cremos, vivemos*”. Assim como se exigia a *ortodoxia*, entendida como *fidelidade às verdades da fé*, exigia-se também a *ortopraxis*, entendida como *fidelidade à prática cristã, ao modo de viver cristão*. Não é possível dizer que se professa a fé cristã quando se vive como pagão.

2.1.2 – *A Transmissão da fé: o catecumenato como processo de iniciação á vida cristã*

A Igreja nascente, seguindo a trajetória da evangelização apostólica, dedicava grande cuidado à *iniciação à fé cristã e seguimento de Jesus*. A atividade que se iniciou com a pregação missionária, passou por um processo de organização e de estruturação e veio a se tornar uma das mais felizes e eficazes criações de toda a história da Igreja, foi à *instituição do catecumenato*.

A *primeira teologia da fé elaborada pelos Padres da Igreja ocorreu em vista do catecumenato*. O catecumenato gerou, inclusive, o núcleo do desenvolvimento do ano litúrgico que até hoje vivemos. Inspirando-se em práticas já antigas e adotadas por outras correntes religiosas, os cristãos, elaboraram um processo através do qual os novos membros eram *verdadeiramente iniciados aos mistérios e à vida de fé da comunidade*. Trata-se, pois, de um processo de *iniciação*, no sentido mais profundo e rico que esta palavra possui.

A finalidade do catecumenato era a *iniciação dos que se sentiam atraídos pelo testemunho dos cristãos à vida e aos mistérios da fé cristã*.

O catecumenato era resumidamente dividido em quatro etapas:

- ✓ O *pré-catecumenato*, com duração ilimitada, é marcado com o *Rito de Admissão ao Catecumenato*.
- ✓ No segundo tempo, o *catecumenato*, considerada a fase mais longa de todo o processo, ocorrem as catequeses sobre a história da salvação e do Creio e do Pai Nosso, com suas implicações morais²⁵. Tempo marcado pela celebração da *eleição ou inscrição do nome*.
- ✓ No terceiro tempo, *tempo de purificação e iluminação*, transcorre durante a quaresma. Os eleitos vão conhecendo gradualmente o mistério do pecado. Neste tempo *acontecem os escrutínios* = exame da conduta

²⁵ Diretório Nacional de Catequese, Doc. da CNBB nº. 84, Paulinas, 2007, nº. 47.

moral, da descoberta do que houver de imperfeito, fraco e mau no coração dos eleitos, para curá-los e do que houver de bom, forte e santo, para consolidá-lo²⁶. E a entrega do Creio e do Pai Nosso visando à iluminação. É o tempo *marcado pela recepção dos sacramentos da iniciação cristã na Vigília pascal*.

- ✓ O quarto tempo é chamado de *Mistagogia*, é realizada no Tempo Pascal. Tempo próprio daqueles que foram batizados de aprofundarem a experiência proporcionada pelos sacramentos e, assim, *tomarem parte no mistério de Cristo*.

Deter-nos-emos brevemente apenas em dois momentos do catecumenato: o *pré-catecumenato* e o tempo da *mistagogia*, que são fundamentais *para conhecermos o processo de transmissão e vivência da fé nos primórdios do cristianismo*.

a) – *O tempo Pré-Catecumenato*.

Como dissemos é um tempo ilimitado que vai depender da caminhada de cada catecúmeno. É o tempo de acolhimento daqueles que se sentem atraídos pela fé dos cristãos e então passam a conhecer o primeiro anúncio, ou *kerigma*, e tempo que motiva o candidato a mudar de vida e entrar em relação pessoal com Deus.

Temos entre os escritos patrísticos um texto tradicionalmente atribuído a Hipólito de Roma, escrito provavelmente na Comunidade cristã de Roma no início do século III, intitulado “*Tradição Apostólica*”.

Trata-se de uma obra que nos apresenta a descrição mais completa da vida da igreja de Roma no início do III século.

É, por assim dizer, o primeiro Cerimonial e livro do Celebrante que possuímos.

O autor cristão descreve a liturgia e os costumes da igreja de sua época, pretendendo transmiti-las como Tradição da Igreja provinda dos Apóstolos.

Aqui nos interessa como este precioso documento nos apresenta as exigências feitas pelas comunidades para com aqueles que desejavam ingressar na vida de fé cristã.

²⁶ Ritual de iniciação cristã de Adultos – RICA , 25.

“Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé” (...)²⁷.

“Inquirir-se-á a respeito dos trabalhos e ocupações dos que se apresentam para ser instruídos na fé.

- O que mantém casa de prostituição desista, ou seja recusado;
- O que é escultor ou pintor será ensinado a não fazer ídolos: ou cesse, ou seja recusado;
- O que é ator ou representa em teatro (pagão) cesse ou seja recusado;
- Igualmente o cocheiro que compete e todo aquele que vai à luta dos jogos públicos cessem ou sejam recusados. O que é gladiador ou ensina a combater os gladiadores e o funcionário encarregado das lutas de gladiadores cessem ou sejam recusados;
- O sacerdote – ou guardião – de ídolos abandone-os ou seja recusado.
- O soldado – que recebe o poder de matar – não matará ninguém; ainda que isto seja ordenado não o fará, nem prestará juramento. Se não concordar, porém, seja recusado.
- A meretriz, o devasso e o invertido, e qualquer outro que pratique atos que não se devem mencionar, sejam recusados porque são impuros.
- Não seja apresentado para a inquirição o mágico. O feiticeiro, o astrólogo, o adivinho, o interprete de sonhos, o charlatão, o falsário e o fabricante de amuletos renunciem ou sejam recusados.
- A concubina, se for escrava do amigo, se tiver educado os filhos e se tiver unida somente a esse homem, ouça a palavra; caso contrário, seja recusada. Aquele que tiver uma concubina renuncie a ela e tome uma mulher segundo a Lei; se não quiser, seja recusado”.

E o autor conclui;

- “Se houvermos omitido algo, as próprias ocupações vocês dirão, pois todos nós temos o espírito de Deus”²⁸.

Tudo isto demonstra que para abraçar a fé cristã o candidato teria que optar por uma vida de acordo com os ensinamentos desta fé.²⁹

A preparação para o batismo, por exemplo, segundo os documentos mais antigos, praticamente se reduzia a uma *catequese moral*. Nos escritos de muitos Padres a moral não é senão o aspecto moral de uma única catequese doutrinal. É *a aplicação da doutrina na vida cotidiana, realmente não há moral cristã autônoma. Daí não encontrarmos em um ensino à parte, um tratado sobre a fé ou outro exclusivo sobre a moral. Não há comentário do Credo separado dos dez mandamentos. A verdade do ato catequético não pode reduzir-se a uma exigência de ortodoxia, como se sua função fosse apenas repetir sem erro um conteúdo recebido.*

²⁷ *Tradição apostólica de Hipólito de Roma – liturgia e catequese em Roma no século III*, VOZES, Petrópolis, 2004. P. 56

²⁸ *Idem*, pp. 57-58.

²⁹ Poderíamos nos perguntar sobre a realidade que vivemos: Nós os batizados vivemos conforme a fé que professamos? Temos ao menos a preocupação de questionar se o que fazemos está ou não em conformidade com nossa fé? Quais seriam as exigências nos tempos hodiernos para alguém ser admitido como verdadeiro cristão? Ou alguém acha que não deve haver exigência alguma?

Santo Agostinho, por exemplo, na obra *A Instrução dos Catecúmenos*, escrita a pedido de um diácono de Cartago, norte da África por volta do ano 405, expressa qual o objetivo de quem transmite uma catequese catecumenal:

*“O que quer que narres faze-o de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo, creia e, crendo, espere e, esperando, ame.”*³⁰

b) – *O tempo da mistagogia*³¹.

A catequese mistagógica pressupunha as etapas anteriores e a dimensão da graça sacramental dos sacramentos de iniciação - Batismo, Confirmação e Eucaristia, recebidos na Vigília Pascal. Era uma nova etapa catequética e sacramental, delimitada pela oitava pascal e que poderia estender-se até Pentecostes. Compreendia-se que os neófitos (recém-batizados), renovados em seu espírito, assimilavam mais profundamente os mistérios da fé e os sacramentos da Igreja.

O termo mistagogia significa “*conduzir através do mistério*”, “*iniciar ao conhecimento do mistério*”.

A fonte deste saber reside, na elaboração dos Padres da Igreja, na liturgia recebida pelas tradições apostólicas, em diálogo com as reflexões teológicas de seu tempo. *A Palavra de Deus é fonte mistagógica e as ações litúrgicas são sinal e presença do próprio Cristo*, mistagogia viva e fecunda para a comunidade eclesial que se reúne em torno deste altar. *A fé brota da Palavra, anunciada com fidelidade, vivenciada no cotidiano e celebrada na liturgia*.

A partir desta explicação podemos compreender mais facilmente os dois elementos mais constantes na concepção de mistagogia nos Padres da Igreja:

- ✓ *A liturgia sacramental*
- ✓ *e a sua explicação teológica.*

O importante para a mistagogia é nada mais, nada menos que nossa relação com o mistério de Deus, que é o mistério de nossa própria vida e da história. *Ninguém consegue ‘explicar’ Deus. É impossível reduzir a realidade de Deus a conceitos racionais. É impossível reduzir a fé à aceitação de dogmas.*

É necessário que sejamos ‘iniciados’ no mistério, não somente com palavras, mas principalmente através de ações simbólicas, e aqui os ritos litúrgicos são apresentados cheios de significado, estão longe de um

³⁰³⁰ Santo Agostinho, *De catechizandis*, cap. 4,8. Publicado pelas Vozes, Petrópolis, 1984, coleção *Fontes da catequese*, vol 7, p; 48.

³¹ Sobre este tema somos gratos ao seminarista da Diocese de Campina Grande, PB, que nos ofereceu material significativo de uma oficina por ele organizada. Em: catequeseecdioocese.blogspot.com.br

ritualismo seco, vazio. Daí o adágio antigo: *lex orandi, lex credendi* "a lei da oração é a lei da fé". Ou seja, *a Igreja traduz em sua profissão de fé aquilo que expressa em sua oração*. A liturgia é um elemento constitutivo da santa e viva Tradição³².

Para ilustrar tomemos dois textos de *Santo Ambrósio de Milão* (+400), intitulados *De Sacramentis* e *De Misteriis*, traduzidos para o português em um só volume: *Os sacramentos e os Mistérios – Santo Ambrósio*³³.

Santo Ambrósio inicia a sua exposição sobre os sacramentos para os neófitos colocando em evidência a necessidade da fé que antecede o batismo.

A recepção do batismo é sinal de fé. Supõe a evangelização e consequentemente a adesão pessoal. O sacramento é, pois, também resposta do crente: "a fé equivale a um patrimônio eterno". É preciso guardar a fé, que é muito mais preciosa que o dinheiro.

"Ouçamos" a voz de Santo Ambrósio:

"Nesta hora, daremos início à explicação dos sacramentos que acabais de receber. Não convinha antecipá-la, pois, para o cristão, a fé antecede tudo o mais. Por isso mesmo, em Roma, são chamados 'homens de fé' os que foram batizados. Também nosso pai Abraão foi justificado pela fé, não pelas obras. Concluímos assim: recebestes o batismo, tendes fé. Não seria justo que eu julgasse de outra forma, pois não teria sido chamado para a graça, caso o Cristo não te tivesse julgado digno por sua graça³⁴. (...) Tu que deves a fé ao Cristo guarda esta fé, muito mais preciosa que o dinheiro, de fato, a fé equivale a um patrimônio eterno; o dinheiro, a um patrimônio temporal. Lembra-te, pois, também tu, continuamente, daquilo que prometeste, e serás prudente"³⁵.

As Catequeses Mistagógicas são um valioso testemunho de como a Igreja, no final do século III e início do século IV, exercitava a vivência da fé na vida, num caminho de conversão progressiva que transformava as pessoas e a sociedade. *A teologia patrística parte de um pressuposto que compreende o Mistério de Deus como já presente em toda pessoa humana, pela graça que nos insere nele mesmo*.

No centro da experiência mistagógica está Jesus Cristo. Importa para nós o fato de que a mistagogia para os Padres é a referência central de sua teologia, a partir da experiência espiritual da Igreja enquanto comunidade de fiéis, que *tem sua razão de ser na vivência, sempre mais profunda na fé no Mistério Pascal de Cristo*.

³² Cf. C.I.C.1124

³³ Vozes, Petrópolis, 1081.

³⁴ Obra citada 1,1. p. 21.

³⁵ Idem, 2,8. p. 24

Na sabedoria dos Padres da Igreja, a mistagogia é a vida da Igreja, em sua dimensão espiritual, litúrgica, pastoral, contemplativa e escatológica que brota da fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado.

Não podemos falar em *Catequese Mistagógica* sem nos referirmos a *São Cirilo de Jerusalém*³⁶. A experiência mistagógica de São Cirilo de Jerusalém está presente em suas homilias voltadas aos catecúmenos e neófitos, em fins do século III e início do século IV.

Sem perder as ações litúrgicas, fonte da experiência de participação no Mistério, Cirilo conduz os neófitos por caminhos já trilhados, a fim de aprofundarem e tomarem consciência da beleza do caminho do seguimento de Jesus.

São categorias que se tornam fonte de sabedoria para todos os tempos:

- ✓ *A centralidade da liturgia;*
- ✓ *O ponto de referência na Sagrada Escritura;*
- ✓ *A comunhão com o Povo de Deus;*
- ✓ *a contemplação da presença de Deus no mundo;*
- ✓ *A consideração atenta das questões contemporâneas;*
- ✓ *O fortalecimento dos catecúmenos e neófitos nas lutas do cotidiano.*

Alegra-nos observar que mesmo sem ter consciência de ensinamentos tão antigos, nosso Povo observa certas instruções de São Cirilo, oxalá as observasse com a mesma mística que por ele nos foi transmitida.

Na *Quinta Catequese Mistagógica sobre a Celebração Eucarística*, São Cirilo ensina aos seus neófitos como comungar:

“Ao te aproximares [da comunhão], não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas fazes com a mão esquerda um trono para a direita como quem deve receber um Rei e no côncavo da mão espalmada recebe o corpo de Cristo, dizendo: ‘amém’. Com segurança, então, santifica teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder. Pois se algo perderes é como se tivesses perdido um dos teus próprios membros. Dize-me: se alguém te oferecesse lâminas de ouro, não as guardarias com toda segurança, cuidando que nada se perdesse e fosse prejudicado? Não cuidarás, pois, com muito mais segurança de um objeto mais precioso que o ouro e pedras preciosas, para dele não perderes um migalha sequer?”³⁷

2.2 – O compromisso com a fidelidade e unidade da fé: a ortodoxia.

³⁶ Cirilo de Jerusalém foi o bispo da Igreja de Jerusalém, em sucessão ao bispo Máximo III, entre 350 e 386 d.C., com várias interrupções por conta da controvérsia ariana. É considerado grande Doutor e apologista da Igreja. Escreveu as Catequeses, em que expõe a doutrina da fé e ensinamentos da Bíblia, designadamente distinguindo os textos canônicos dos apócrifos. Pouco se sabe sobre sua vida antes do episcopado, a não ser seu nascimento em 315 d.C. Cirilo foi ordenado diácono pelo bispo Macário de Jerusalém em 335 e padre, oito anos mais tarde pelo bispo Máximo III. No fim de 350, ele o sucedeu na Sé de Jerusalém.

³⁷ São Cirilo de Jerusalém, *catequeses Mistagógicas*, 5,21. p. 54. Vozes, Petrópolis, 2004

O compromisso com a fidelidade ao conteúdo da fé nós a encontramos ainda na era apostólica. Contra um ensinamento possivelmente não coerente com o Evangelho³⁸, Paulo escreveu aos gálatas:

*“Se alguém – ainda que nós mesmos ou um anjo do céu – vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema”*³⁹.

Este mesmo compromisso foi cultivado pelos Padres da Igreja especialmente a partir de novas situações surgidas a partir do século II.

Em primeiro lugar o cristianismo se deparou com questionamentos surgidos por parte dos judeus. Embora professando uma fé monoteísta, os cristãos eram batizados em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Proclamavam que Jesus era Deus encarnado. Por isso sofreram objeções e tiveram que se explicar.

Aos poucos foram aderindo ao Evangelho pessoas de formação intelectual, que sentiam a necessidade de confrontar sua fé com a filosofia grega e seus arautos hostis ao cristianismo.

Também a população envolvente do Império Romano confrontava-se com os cristãos. Se se recusavam a prestar culto aos deuses foram perseguidos, acusados de atraírem a fúria dos deuses em momentos de calamidade. Os cristãos, para se defenderem, tiveram que argumentar sobre o valor de sua fé e tentar convencer até imperadores que a fé em Jesus era um benefício para a população e para o Império.

Também entre os próprios cristãos surgiram heresias que ameaçaram a unidade da comunidade cristã e a fidelidade à fé recebida da Tradição.

Todas estas situações provocaram o surgimento dos assim chamados **Padres Apologistas** (ou *apologetas*). Entre os mais conhecidos destacamos:

- São Justino, de Roma (+165);
- Taciano, o Sírio (+180)
- Teófilo, de Antioquia (+169/170)
- Ireneu, de Lião (+depois do ano 200)

³⁸ “Há um só evangelho (vv. 6-8; 2Cor 11, 4), pregado por todos os apóstolos (1 Cor 15,11), para cujo serviço Deus destacou Paulo (Rm 1, 1; 1 Cor 1, 17; Gl 1, 15-16). Como nos evangelhos (Mc 1, 1+), nos Atos (At 5, 42+), trata-se de uma Boa Nova anunciada de viva voz e escutada. Seu conteúdo é a revelação do Filho Jesus Cristo (Rm 1,1-4), ressuscitado dentre os mortos (1 Cor 15, 1-5; 2 Tm 1, 10), após sua crucificação (1 Cor 2,2), o qual em favor de todos os pecadores, quer judeus quer gentios (Rm 1,1-4), instaurou a economia da justiça (Rm 1, 16+) e da salvação (Ef 1, 13), anunciada pelos profetas (Rm 16,25-26; 1 Pd 1,10). Frequentemente, a palavra “evangelho” exprime ao mesmo tempo a atividade do apóstolo e a mensagem que ele anuncia (2 Cor 2, 12; 8, 18; Fl 1, 5.12; 4, 3.15; Fm 13; 1 Ts 3,2). A eficácia desta proclamação é devida ao poder de Deus (Cl 1, 5-6; Ef 1, 13; 2 Cor 6, 1; At 14, 3; 20, 32), ela produz a salvação em quem a acolhe pela fé (Rm 1, 16-17+; 3, 22; 10, 14-15; Fl 1, 28) e lhe obedece (Rm 1, 5; 10, 16; 2 Ts 1, 8); ela frutifica e se desenvolve (Cl 1, 6) e por ela o ministério do apóstolo que a “realiza” (Rm 15, 19) torna-se a fonte primeira de toda esperança cristã (Cl 1, 23)”. Nota citada na Bíblia de Jerusalém Gl 1, 6.

³⁹ Gl 1,8-9

▪ Orígenes, de Alexandria (+254)

Os Apologistas eram homens cultos que, impressionados pelo Evangelho ou pelo testemunho da vida cristã, se converteram do paganismo para o cristianismo. Convertidos, puseram suas inteligências a serviço da defesa e da promoção da fé cristã. Costuma-se designar com o nome de apologistas os escritores cristãos dos fins do segundo século, que procuram de um lado demonstrar a inocência dos cristãos e, por outro lado, provar o valor da religião cristã, os benefícios que a vida cristã traz para as pessoas e para a sociedade como um todo.⁴⁰ Seus escritos, portanto, são, por vezes, apologias propriamente ditas; por vezes, obras de controvérsia; às vezes, teses. E são dirigidas, às vezes, contra os pagãos, outras vezes contra os hebreus e, outras vezes ainda, aos imperadores para obter deles aprovação.

Os apologistas, mais cultos do que os Padres Apostólicos, frequentemente são filósofos – por exemplo, São Justino Mártir - ainda que não apresentem uma unidade sistemática, continuam filósofos também depois da conversão, e se esforçam por apresentar a fé a partir dos conceitos filosóficos em moda, realizando assim de forma impressionante o que hoje chamamos “*inculturação*”⁴¹.

Os Padres Apologistas foram os pioneiros em estabelecer um *diálogo entre fé e razão*, e o fizeram com maestria. O Papa João Paulo II, na Carta encíclica *Fides et Ratio*, números 38-41, nos apresenta uma fabulosa síntese deste empreendimento dos Padres da Igreja⁴².

⁴⁰ A apologética é a parte da teologia que procura explicar o que acreditamos e fazemos como católicos e, também, expõe os erros para proteger a integridade da fé. Com esse tema apologético pretendemos defender a própria fé diante de muitos incrédulos e agnósticos que negam ou atacam essa verdade bíblica, teológica, moral, filosófica ou científica. Pretendemos também defender essa fé diante de quem nos pede razões dela. Não é somente mostrar o erro dos cétricos e hereges, mas especialmente trazê-los à luz de Cristo para que, assim, se abram à salvação. Não obrigamos ninguém, simplesmente propomos-lhes esta verdade e a defendemos.

⁴¹ *Inculturação* é uma palavra relativamente recente e talvez difícil; mas a verdade é que já se impõe no vocabulário teológico e refere-se a uma realidade bem comum e sempre vivida na história da Igreja: a relação da fé com a(s) cultura(s), num diálogo de enriquecimento recíproco – razão pela qual a Igreja, na sua missão ad gentes, há-de receber das culturas tudo o que concorra para a edificação da vida cristã, mas tratará também de propor o Evangelho como fator purificador de toda e qualquer cultura. Estamos, assim, diante de uma «troca nos dois sentidos, do Evangelho relativamente à cultura e da cultura para o Evangelho» Cf. Chanson, *Inculturation*, in *Dictionnaire Oecuménique de Missiologie*. Editado por Ion Bria, Philippe Chanson, Jacques Gadille e Marc Spindler. Paris: Cerf, Geneva: Labor et Fides, Yaounde, Cam: CLE, 2001.

⁴² 38. “O encontro do cristianismo com a filosofia não foi fácil nem imediato. A exercitação desta e a frequência das respectivas escolas foi vista mais vezes pelos primeiros cristãos como transtorno, do que como uma oportunidade. (...) Como pioneiro dum encontro positivo com o pensamento filosófico, sempre marcado por um prudente discernimento, há que recordar S. Justino. Apesar da grande estima que continuava a ter pela filosofia grega depois da sua conversão, afirmava decidida e claramente que tinha encontrado, no cristianismo, « a única filosofia segura e vantajosa ». (*Diálogo com Trifão*, 8,i: PG 6,492) De forma semelhante, Clemente de Alexandria chamava ao Evangelho « a verdadeira filosofia », (*Stromata* I,18.90. 1; SC 30,115) e, em analogia com a lei mosaica, via a filosofia como uma instrução propedêutica à fé cristã (Cf. Ibid. 1, 16,80,5; SC 30,108) e uma preparação ao Evangelho. (cf. ibid. 1,5.28..1; SC 30,64) Uma vez que « a filosofia anela por aquela sabedoria que consiste na retidão da alma

e da palavra e na pureza da vida, está aberta à sabedoria e tudo faz para a alcançar. No nosso meio, designam-se por filósofos os que amam a sabedoria que é criadora e mestra de tudo, isto é, o conhecimento do Filho de Deus ».(Ibid. 1,5,28,1; SC 30,115) Segundo este pensador alexandrino, a filosofia grega não tem como primeiro objetivo completar ou corroborar a verdade cristã; a sua função é, sobretudo, a defesa da fé: « A doutrina do Salvador é perfeita em si mesma e não precisa de apoio, porque é a força e a sabedoria de Deus. A filosofia grega não torna mais forte a verdade com o seu contributo, mas, porque torna impotente o ataque da sofística e desarma os assaltos traiçoeiros contra a verdade, foi justamente chamada sebe e muro de vedação da vinha ».(*Stromata*, I, 20,100,1; SC 30,65)

39. Entretanto, na história deste desenvolvimento, é possível constatar a assunção crítica do pensamento filosófico por parte dos pensadores cristãos. No meio dos primeiros exemplos encontrados, sobressai, sem dúvida, Orígenes. Contra os ataques lançados pelo filósofo Celso, ele recorre à filosofia platónica para argumentar e responder-lhe. Citando vários elementos do pensamento platónico, começa a elaborar uma primeira forma de teologia cristã. Naquele tempo, a designação mesma de teologia e a sua concepção como discurso racional sobre Deus ainda estavam ligadas à sua origem grega. Na filosofia aristotélica, por exemplo, o termo designava a parte mais nobre e o verdadeiro apogeu do discurso filosófico. Mas, à luz da revelação cristã, o que anteriormente indicava uma doutrina genérica sobre a divindade, passou a assumir um significado totalmente novo, ou seja, a reflexão que o crente realiza para exprimir a verdadeira doutrina acerca de Deus. Este pensamento cristão novo, que estava a desenvolver-se, servia-se da filosofia, mas ao mesmo tempo tendia a distinguir-se nitidamente dela. A história revela que o próprio pensamento platónico, quando foi assumido pela teologia, sofreu profundas transformações, especialmente em conceitos como a imortalidade da alma, a divinização do homem e a origem do mal.

40. Nesta obra de cristianização do pensamento platónico e neoplatónico, merecem menção particular os Padres Capadócijs, Dionísio chamado o Areopagita e, sobretudo, Santo Agostinho. O grande Doutor ocidental contactara diversas escolas filosóficas, mas todas o tinham desiludido. Quando se lhe deparou a verdade da fé cristã, então teve a força de realizar aquela conversão radical a que os filósofos anteriormente contactados não tinham conseguido induzi-lo. Ele mesmo refere o motivo: « Preferindo a doutrina católica, já sentia, então, que era mais razoável e menos enganoso sermos obrigados a crer o que não demonstrava, quer houvesse prova, mesmo que esta não estivesse ao alcance de qualquer pessoa, quer a não houvesse. Seria isto mais sensato do que zombarem da crença os maniqueístas, apoiados em temerária promessa de ciência, para depois nos mandarem acreditar em inúmeras fábulas tão absurdas que as não podiam provar ». (Sto. Agostinho, *Confissões*, VI,5,7) Quanto aos platónicos, que ocupavam lugar privilegiado nos pontos de referimento de Agostinho, este censurava-os porque, embora conhecessem o fim para onde se devia tender, tinham, porém, ignorado o caminho que lá conduzia: o Verbo encarnado. (Ibid. VII,9,13-14) O Bispo de Hipona conseguiu elaborar a primeira grande síntese do pensamento filosófico e teológico, nela confluindo correntes do pensamento grego e latino. Também nele a grande unidade do saber, que tinha o seu fundamento no pensamento bíblico, acabou por ser confirmada e sustentada pela profundidade do pensamento especulativo. A síntese feita por Santo Agostinho permanecerá como a forma mais elevada de reflexão filosófica e teológica que o Ocidente, durante séculos, conheceu. Com uma história pessoal intensa e ajudado por uma admirável santidade de vida, ele foi capaz de introduzir, nas suas obras, muitos dados que, apelando-se à experiência, antecipavam já futuros desenvolvimentos de algumas correntes filosóficas.

41. De diversas formas, pois, os Padres do Oriente e do Ocidente entraram em relação com as escolas filosóficas. Isto não significa que tenham identificado o conteúdo da sua mensagem com os sistemas a que faziam referência. A pergunta de Tertuliano: « Que têm em comum Atenas e Jerusalém? Ou, a Academia e a Igreja? », (*“Qui ergo Athenis et Hierosolymis? Qui academia et ecclesiae?” – De praescriptione hereticorum*, VII, 9: SC 46,98) é um sintoma claro da consciência crítica com que os pensadores cristãos encararam, desde as origens, o problema da relação entre a fé e a filosofia, vendo-o globalmente, tanto nos seus aspectos positivos como nas suas limitações. Não eram pensadores ingénuos. Precisamente porque viviam de forma intensa o conteúdo da fé, eles conseguiam chegar às formas mais profundas da reflexão. Por isso, é injusto e redutivo limitar o seu trabalho à mera transposição das verdades de fé para categorias filosóficas. Eles fizeram muito mais; conseguiram explicitar plenamente aquilo que resultava ainda implícito e preliminar no pensamento dos grandes filósofos antigos. (Cf. Cong. da Educação Católica. *Ins. Sobre o estudo dos Padres da Igreja na formação sacerdotal* - 10/11/1998 – 617-618) Estes, conforme já disse, tiveram a função de mostrar o modo como a razão, livre dos vínculos externos, podia escapar do beco sem saída dos mitos, para melhor se abrir à transcendência.

Os Padres da Igreja são os grandes *guardiães do “depositum fidei”*, o “*depósito da fé*”. Seus escritos falam da fé e das suas fontes: a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição.

O Catecismo da Igreja Católica, de forma densa e sintética, nos fala muito bem sobre este assunto nos números 172 a 175 e 186 a 187:

“172. Há séculos, mediante tantas línguas, culturas, povos e nações, a Igreja não cessa de confessar sua única fé, recebida de um só Senhor, transmitida por um único batismo, enraizada na convicção de que todos os homens têm um só Deus e Pai⁴³. Santo Irineu de Lião⁴⁴, testemunha desta fé, declara:

173 “*Com efeito, a Igreja, embora espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra, tendo recebido dos apóstolos e dos discípulos deles a fé... guarda [esta pregação e esta fé] com cuidado, como se habitasse em uma só casa; nelas crê de forma idêntica, como se tivesse uma só alma; e prega as verdades de fé, as ensina e transmite com voz unânime, como se possuísse uma só boca*”.

174 “*Pois, se no mundo as línguas diferem, o conteúdo da Tradição é uno e idêntico. E nem as Igrejas estabelecidas na Germânia têm outra fé ou outra Tradição, nem as que estão entre os iberos, nem as que estão entre os celtas, nem as do Oriente, do Egito, da Líbia, nem as que estão estabelecidas no centro do mundo (...). A mensagem da Igreja é, portanto, verídica e sólida, pois é nela que um único caminho de salvação aparece no mundo inteiro*”⁴⁵.

175 “*Esta fé que recebemos da Igreja, nós a guardamos com cuidado, pois, sem cessar, sob a ação do Espírito de Deus, à guisa de um depósito de grande preço encerrado em um vaso precioso, ela rejuvenesce e faz rejuvenescer o próprio vaso que a contém*”⁴⁶.

186 *Desde a origem, a Igreja apostólica exprimiu e transmitiu sua própria fé em fórmulas breves e normativas para todos. Mas já muito cedo a Igreja quis também recolher o essencial de sua fé em resumos orgânicos e articulados, destinados, sobretudo, aos candidatos ao Batismo. São Cirilo de*

Uma razão purificada e reta era capaz de se elevar aos níveis mais elevados da reflexão, dando fundamento sólido à percepção do ser, do transcendente e do absoluto.

Aqui mesmo se insere a novidade operada pelos Padres. Acolheram a razão na sua plena abertura ao absoluto e, nela, enxertaram a riqueza vinda da Revelação. O encontro não foi apenas questão de culturas, uma das quais, talvez, seduzida pelo fascínio da outra; mas verificou-se no íntimo da alma, e foi um encontro entre a criatura e o seu Criador. Ultrapassando o fim mesmo para o qual inconscientemente tendia por força da sua natureza, a razão pôde alcançar o sumo bem e a suma verdade na pessoa do Verbo encarnado. Ao encararem as filosofias, os Padres não tiveram medo de reconhecer tanto os elementos comuns como as diferenças que aquelas apresentavam relativamente à Revelação. A percepção das convergências não ofuscava neles o reconhecimento das diferenças

⁴³ Cf. *Ef* 4,4-6 – 192.).

⁴⁴ Irineu nasceu com toda a probabilidade em Esmirna (hoje Izmir, na Turquia) por volta do ano 135-140, onde ainda jovem frequentou a escola do Bispo Policarpo, por sua vez discípulo do apóstolo João. Irineu é antes de tudo um homem de fé e Pastor. Do bom Pastor tem o sentido da medida, a riqueza da doutrina, o fervor missionário. Como escritor, busca uma dupla finalidade: defender a verdadeira doutrina contra os ataques heréticos, e expor com clareza a verdade da fé.

⁴⁵ Sto, Irineu *Ad, Haer.* 1,10,1-2; SC 264, 154-158 (PG 7,550-551)

⁴⁶ Idem., 3,24,1: SC 211, 472 (PG 7,966)

Jerusalém assim se refere a estas fórmulas, ou *credos*, ou “*símbolos*” como eram chamadas na Igreja Antiga:

*"Esta síntese da fé não foi elaborada segundo as opiniões humanas mas da Escritura inteira recolheu-se o que existe de mais importante, para dar, na sua totalidade, a única doutrina da fé. E assim com a semente de mostarda contém em um pequeníssimo grão um grande número de ramos, da mesma forma este resumo da fé encerra em algumas palavras todo o conhecimento da verdadeira piedade contida no Antigo e no Novo Testamento"*⁴⁷.

187 Estas sínteses da fé chamam-se "*profissões de fé*", pois resumem a fé que os cristãos professam. Chamam-se "*Credo*" em razão da primeira palavra com que normalmente começam: "*Creio*". Denominam-se também "*Símbolos da fé*".

Vemos assim a autoridade dos Padres da Igreja sendo citadas pelo *Catecismo da Igreja Católica*; de fato, foram eles os protagonistas das definições dogmáticas da fé, da elaboração sistemática e criteriosa das profissões de fé que sintetizam toda a doutrina.

Os Padres da Igreja tiveram uma participação fundamental nos primeiros Concílios Ecumênicos, como o de Niceia, no ano 325, que condenou o Arianismo que negava a divindade de Jesus; o Concílio de Constantinopla I, em 381, que condenou o Macedonismo que negava a divindade do Espírito Santo; e os outros Concílios que enfrentaram e condenaram as heresias cristológicas e trinitárias e estabeleceram as bases fundamentais de toda a doutrina cristã, da centralidade dos ensinamentos da fé cristã.

2.3 – O Martírio como expressão máxima de fé e a espiritualidade que dele brota nos escritos Patrísticos.

Vimos que grande parte do período patrístico ocorreu sob doloroso período de perseguição. O cristianismo desde os seus primórdios foi perseguido duramente. Primeiro pelo *sinédrio judaico*. Depois pela *sociedade helênica* do Império Romano que não compreendia porque os cristãos se recusavam a adorar os deuses protetores das cidades e de tantos aspectos da vida como a fertilidade, as tempestades, etc., e finalmente pelo *Império Romano*, especialmente a partir do momento em que os Césares passaram a intitular-se deuses. *A perseguição, portanto, é algo inerente à vida cristã, é característica dos cristãos.* De fato, Jesus havia dito:

⁴⁷ S. Cirilo de Jerusalém, *Cathecheses illuminandorum*, 5,12; PG 33, 521-524.

“Se fizeram assim com o lenho verde, o que acontecerá ao lenho seco?”
(Lc 23,31).

Na reflexão teológica de João estas palavras de Jesus soavam da seguinte forma:

“O servo não é maior que o Senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão” (Jo 15,20).

Pois bem, durante este período de perseguição, que cobre boa parte do período patrístico, nós não podemos falar sobre a fé nos escritos dos Padres sem nos referirmos a um tipo de literatura patrística que não pode passar despercebida:

➤ *As Atas dos mártires e outras reflexões sobre o testemunho de fé dos mártires.*

O Império Romano apesar de ser opressor e cruel tinha um dado digno de louvor. Ninguém era condenado à morte sem antes ser julgado por um tribunal. É verdade que na maioria das vezes estes tribunais agiam arbitrariamente e eram injustos, mas ao menos davam oportunidade dos réus apresentarem sua defesa.

Pois bem, quando os cristãos eram apresentados diante dos tribunais para serem julgados, suas palavras ecoavam cheias de fé e do Espírito Santo. Por isto *Tertuliano*⁴⁸, escritor patrístico afirmava: “*Sanguis martyrum, semen christianorum*”: “O sangue dos mártires é semente de [novos] cristãos”. Eram verdadeiros testemunhos, testemunhos de fé que despertavam a fé.

Aliás, a palavra grega “*Mártir*” significa exatamente isto: “*Testemunho*”. Quando os cristãos eram interrogados, os taquígrafos, ou escrivães, registravam em Atas suas palavras. Esta literatura foi preservada pelos Padres da Igreja. Alguns dos escritos são provenientes dos próprios tribunais.

⁴⁸ *Tertuliano* (ca. 160 - ca. 220 dC)1 foi um importante autor das primeiras fases do Cristianismo, nascido em Cartago na província romana da África. Ele foi um primeiro autor cristão a produzir uma obra literária (corpus) em latim. Ele também foi um notável apologista cristão e um polemista contra a heresia. Embora conservador, ele organizou e avançou a nova teologia da Igreja antiga. Ele é talvez mais famoso por ser o autor mais antigo cuja obra sobreviveu a utilizar o termo "Trindade" (em latim: Trinitas) e por nos dar a mais antiga exposição formal ainda existente sobre a teologia trinitária. É um dos Padres latinos.

São as “*Atas dos Mártires*”. Outros são testemunhos de pessoas que assistiram ao julgamento e narraram as palavras dos mártires com uma leitura teológica do acontecimento, ou seja, acrescentavam uma mística interpretativa a partir do que observaram, são as chamadas “*Paixões dos Mártires*”. Após a paz da Igreja (313), o prestígio dos mártires foi tal que muitas comunidades passaram a invocar por patronos mártires incertos. Surgem então narrativas mais ou menos lendárias, são as “*legendas*”, ou “*lendas dos Mártires*”.

Trouxemos alguns textos significativos sobre estes heroicos testemunhos de fé da era patrística que são fontes inspiradoras guardadas pela Tradição da Igreja.

Iniciemos com o testemunho de fé de *Santo Inácio de Antioquia*. Santo Inácio, Padre da Igreja, foi, segundo Eusébio de Cesareia⁴⁹, o segundo bispo de Antioquia depois de Pedro. Santo Inácio foi detido pelas autoridades e transportado para Roma, onde foi condenado à morte no Coliseu, e foi martirizado por leões.

Os Padres da Igreja compreendiam o martírio como imitação e atualização do mártir por excelência, Cristo. O mártir é testemunha de Cristo não só por confissão de fé, mas também por sua vida e por sua morte, imitando, assim, a obra e a morte salvífica do Redentor. Em Inácio o tema da imitação de Cristo ocupa um lugar de destaque. Seu caminho para o martírio é comparado ao do catecúmeno que se prepara para o batismo, tudo recebendo de Deus.

Santo Inácio, no momento do seu martírio testemunha esta fé. Na *carta* que escreveu aos *magnésios* assim se expressa;

“As coisas têm fim, e duas coisas estão diante de nós: a morte e a vida, e cada um irá para o seu próprio lugar. É como se se tratasse de duas moedas, a de Deus e a do mundo, cada uma delas cunhada com a sua marca; os infiéis trazem a marca deste mundo, os fiéis trazem no amor a marca de Deus Pai, gravada por Jesus Cristo. Se não estamos dispostos a morrer por ele, para participarmos de sua paixão, a vida dele não está em nós!”⁵⁰

⁴⁹ Eusébio de Cesareia, *H.E.*, III, 22 op. Cit. P.139

⁵⁰ Inácio de Antioquia, *Carta aos Magnésios*, 5, 1-2. Em Coleção patrística, vol 1, São Paulo 2002

Mesmo preso, prestes a ser martirizado Inácio professa a sua fé trinitária, e, como Bom Pastor, se preocupa com a fidelidade dos fiéis a esta fé, e assim proclama aos cristãos de Éfeso:

“Eu soube que por aí passaram alguns, levando mau ensinamento. Vós, porém, não os deixastes semear em vosso meio, tapando os ouvidos para não receber o que eles semeiam, pois sois pedras do templo do Pai, preparadas para a construção de Deus Pai⁵¹, levantadas até o alto pela alavanca de Jesus Cristo, que é a cruz, usando a corda, que é o Espírito Santo. *Vossa fé é o vosso guindaste, a fé é o caminho que leva até Deus.*”⁵²

Para Inácio de Antioquia, a espiritualidade do martírio se fundamenta na fé do sacrifício da cruz de Cristo, é fundamentalmente uma espiritualidade eucarística. Assim ele se expressa:

“Escrevo a todas as igrejas e anuncio a todos que, de boa vontade, morro por Deus, caso vós não me impeçais de fazer. Eu vos suplico que tenhais benevolência inoportuna por mim. Deixai que eu seja pasto das feras, por meio das quais me é concedido alcançar Deus. Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo[...]. Suplicai a Cristo para que eu, com esses meios, seja vítima oferecido a Deus,”⁵³

Uma carta dos cristãos de Lião a seus irmãos da Ásia, transmitida por Eusébio de Cesareia⁵⁴, permitiu-nos o conhecimento do comovente relato do testemunho de fé *dos Mártires de Lião* no ano 177.

Uma revolta popular, cujas causas ignoramos, conduz à prisão cerca de cinquenta cristãos. Entre eles, guardaram-se sobretudo os nomes de Potino, o velho bispo nonagenário, do diácono Santos e de Blandina, a frágil escrava que sucumbe por último. Essa carta constitui, além disso, a mais antiga confirmação da presença do cristianismo na Gália, atual França.

⁵¹ Este tema que apresenta o cristão como pedra viva da construção espiritual que é a igreja, inaugurado por São Pedro (*I Pd* 2,5), foi desenvolvido por um outro Padre da Igreja, o *Pastor de Herma*, cuja obra, de gênero apocalíptico, foi, por algum tempo, tida como inspirada, inclusive alguns a colocavam no Cânon do NT.

⁵² Inácio de Antioquia, *Carta aos Efésios*,9. Em: *Coleção Patrística*, Paulus, SP. 2002, vol.1. p. 85

⁵³ Inácio de Antioquia, *Carta aos Romanos*, 4,1-2., idem, p. 105.

⁵⁴ Eusébio de Cesareia (ca. 265 — Cesareia Marítima, 30 de maio de 339) (chamado também de Eusebius Pamphili, "Eusébio amigo de Pânfilo") foi bispo de Cesareia e é referido como o pai da história da Igreja porque nos seus escritos estão os primeiros relatos quanto à história do Cristianismo primitivo. O seu nome está ligado a uma crença curiosa sobre uma suposta correspondência entre o rei de Edessa, Abgaro e Jesus Cristo. Eusébio teria encontrado as cartas e, inclusive, as copiado para a sua *História Eclesiástica* (*H.E.*) Esta obra foi publicada em português na Coleção patrística, Paulus SP. 2000 Vol. 15.

“As ilustres Igrejas [da Gália, atual França] enviaram um relatório acerca se seus mártires às igrejas da Ásia e da Frígia, registrando do seguinte modo os eventos ocorridos. Reproduzirei textualmente suas palavras: ‘Os servos de Cristo, peregrinos em Vienne e Lião na Gália, aos irmãos da Ásia e da Frígia, possuidores, como nós, da mesma fé e idêntica esperança na redenção. Paz, graça e glória, da parte de Deus e de Jesus Cristo, nosso Senhor’.

Em seguida, após algumas palavras de introdução, iniciam a narração da maneira seguinte: ‘Não somos capazes de traduzir exatamente, nem é possível expressar por escrito a enorme tribulação que nos adveio, a veemência da cólera dos pagãos contra os santos, os sofrimentos todos a que foram submetidos os bem-aventurados mártires.’⁵⁵”

“Os adversários não somente nos expulsaram das casas, das termas, da praça pública. Mais ainda proibiram-nos entrar em qualquer lugar. Entretanto a graça de Deus nos conduzia ao combate. Afastava primeiro os fracos, e depois erguia perante o inimigo ‘*colunas e sustentáculos*’ (1 Tm 3,15), capazes pela perseverança de atrair sobre si toda a cólera do inimigo (cf. Hb 10,33). Eles foram, portanto, ao seu encontro, suportando toda espécie de ultraje e castigos. Considerando tudo isso de pouca monta, apressavam-se a ir para junto de Cristo, e demonstravam verdadeiramente que ‘os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós’. (Rm 8,18)

Em primeiro lugar, toleravam com generosidade as inúmeras crueldades que a multidão inteira lhes infligia. Foram insultados, batidos, encarcerados juntos. Suportaram tudo o que a multidão enfurecida costuma aplicar a adversários particulares e a inimigos públicos. E logo foram conduzidos ao fórum pelo tribuno e magistrados da cidade. Interrogados diante de todo o povo, e tendo confessado a fé, foram em seguida encarcerados até a chegada do legado. Mais tarde, foram levados à presença do governador, que empregou a habitual crueldade contra nós⁵⁶.” (...)

“A cólera da plebe, do governador e dos soldados concentrou-se de forma desmensurado no *Diácono Santos*, o diácono de Vienne, e em *Maturo*, neófito, (recém-batizado) mas nobre atleta e *Blandina*, (senhora de fé inabalável). Através desta última, Cristo demonstrou que aquilo que parece aos homens simples, vulgar, inteiramente desprezível, junto de Deus é digno de grande glória, por causa do amor a Ele, revelado pela virtude desprovida de orgulho por causa exterior.

Temíamos que Blandina não tivesse coragem de confessar a fé, devido sua fraqueza corporal. Mas Blandina mostrou-se repleta de tal força que cansou e desanimou os que se alternavam para torturá-la, de manhã à tarde. Confessaram-se vencidos e nada mais podiam infligir-lhe. Espantavam-se de que ainda respirasse, tendo o corpo todo dilacerado e

⁵⁵ Eusébio de Cesareia, *H.E.V.*, 1-5.

⁵⁶ Idem. *H. E. V.*, 5-9a

em feridas. Atestavam que só uma espécie desses suplícios bastaria para que expirasse, sem tantas e tamanhas torturas.

A bem-aventurada, contudo, qual nobre atleta, revigorava-se por meio da confissão da fé. Constituía-se-lhe reconforto, repouso, insensibilidade nos sofrimentos sua declaração: *‘Sou cristã! Nada praticamos.’*

Por sua vez, o Diácono Santos superava tudo e suportava mais generosamente que todos os maus-tratos da parte dos homens. Os malvados esperavam que, devido à duração e intensidade dos tormentos, ouviriam dele palavras inconvenientes; mas ele lhes opôs tamanha constância que não declinou o próprio nome, nem o de seus pais, nem o da cidade donde vinha, nem se era escravo ou livre, mas todas as perguntas respondia em latim: *‘SOU CRISTÃO!’ Isso confessava em vez do nome, da raça, de tudo o mais; nenhuma outra palavra os pagãos ouviram de sua boca.*

Por isso, grande foi a emulação entre o governador e os algozes contra ele, de tal modo que, sem saber o que mais fazer, acabaram por aplicar-lhe chapas de cobre aquecidas ao fogo nos membros mais delicados do corpo. Elas queimavam, enquanto ele permanecia inflexível, inabalável, firme na confissão de fé, com o refrigério e a força da fonte celeste da água vivificante que sai do lado de Cristo. (cf. Jo 7,38;19,34)

Seu pobre corpo atestava o que lhe sucedera. Era uma só chaga e ferida; estava contraído, sem forma exterior humana (cf. Is 53,2.5). Cristo, que nele sofria, realizava grandes prodígios. Esmagava o adversário, e aos demais servia de exemplo (cf. 1Tm 1,16), mostrando que nada há de terrível onde está o amor ao Pai, nada de doloroso onde está a glória de Cristo.”⁵⁷

Desta forma, a literatura patrística nos deixa registrado não apenas um discurso teórico sobre a fé, mas a fé testemunhada com palavras escritas com sangue. O testemunho de fé dos mártires nos aparece como a maior experiência de fé da Igreja Antiga.

O martírio que se verificou na Igreja primitiva tornou-se emblemático para toda a história do cristianismo. Passado o período de perseguição aos cristãos, mesmo após o cristianismo ter se tornado fé aceita e, muitas vezes, a única oficial, o martírio nunca deixou de se fazer presente na história da Igreja.

Conclusão

Partindo da feliz comparação feita pelo Santo Padre o Papa Francisco, que a fé na Tradição da Igreja é como uma chama que se acende noutra chama e que nos é transmitida numa cadeia ininterrupta até chegar ao rosto de Cristo, sentimo-nos atraídos a um “*retorno às fontes*” buscando assim

⁵⁷ Idem, H. E. V,17-23

nos escritos dos Padres da Igreja a forma como a fé foi vivida, transmitida e testemunhada por aqueles que como o evangelista João testemunharam: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida” (*I Jo 1,1-2*) isto vos anunciamos e cremos.

Na Tradição da Igreja, particularmente na teologia patrística, vimos que o que mais atraía a fé cristã nos primeiros séculos não era a linguagem eloquente e persuasiva de grandes pregadores e teólogos, mas era, sobretudo, o modo de viver dos cristãos em coerência com a fé que professavam. O comportamento dos cristãos, sua bondade, sua solidariedade, sua santidade de vida, seu profundo amor para com Deus e para com o próximo a todos atraía.

Vimos que os cristãos dos primeiros séculos eram exigentes para com aqueles que se aproximavam da fé e ofereciam-lhes possibilidades e meios para mergulharem profundamente nos mistérios divinos. O mistério de Deus é o mistério da própria vida. Como não podemos explicar um mistério, e dele só podemos falar através de símbolos, a sagrada liturgia cristã teve na antiguidade um destaque todo especial. No catecumenato antigo, sobretudo nas catequeses mistagógicas, os ritos, os símbolos, as orações, eram fontes de espiritualidade e de santificação das pessoas e consequentemente de transformação da sociedade.

Os Padres da Igreja, testemunhas privilegiadas da Sagrada Tradição, se empenharam em conhecer e aprofundar o conteúdo de sua fé. No combate às heresias definiram os dogmas de fé mais importantes da Igreja. Inseridos numa sociedade heterogênea e questionadora, foram audazes missionários e exímios pastores, entraram em contato com diversas categorias sociais e transmitiram com fidelidade e maestria a fé que professavam. Diante dos questionamentos e críticas feitas, foram capazes de defender sua fé. Os Padres Apologistas foram mestres, quando em tempos difíceis, apresentaram com sabedoria e sem temor as razões da fé que haviam recebido. Recordemo-nos de que o Documento de Aparecida nos recomenda uma autêntica apologética nos tempos de hoje:

“Hoje se faz necessário reabilitar a autêntica apologética que faziam os Pais da Igreja como explicação da fé. A apologética não tem por que ser negativa ou meramente defensiva *per se*. Implica, na verdade, a capacidade de dizer o que está em nossas mentes e corações de forma

clara e convincente, como disse São Paulo, ‘fazendo a verdade na caridade’ (Ef 4,15). Mais do que nunca os discípulos e missionários de Cristo de hoje necessitam de uma apologética renovada para que todos possam ter vida n’Ele.⁵⁸”

Contemplamos o modo como homens e mulheres, com letras de sangue, escreveram seu testemunho de fé. Pensar que tantos deram a vida por fidelidade a esta fé, não temeram os tormentos do martírio por estarem unidos a Cristo, o mártir dos mártires, não se apavoraram diante da morte por terem a certeza da vida eterna, nos faz pensar no valor desta fé, na importância desta fé, nos desafios que esta fé nos impõe.

Dom José Luiz Gomes de Vasconcelos

Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Fortaleza.

Observação: Se alguém quiser iniciar um estudo da teologia patristica poderá encontrar bom material na seguinte bibliografia:

- Boga, Antonio S., Márcio A. Couto e João H. Hansen, *Patrística, caminho da tradição cristã*. Paulus, São Paulo SP, 2008.
- Bento XVI, *Os Padres da Igreja – de Clemente Romano a Santo Agostinho*, Paulus, São Paulo, 2012.
- Figueiredo, Dom Fernando, *O Amanhecer da Igreja*, Ed. Larouse, São Paulo SP, 2012.

Se Alguém quer material mais substancial poderá usar os seguintes livros:

- Brobner, Hubertus R., *Manual de patrologia*, Vozes, Petrópolis, 2003.
- Bernardino, Angelo, (Org.), *Dicionário Patristico e de Antiguidades Cristãs*, Vozes, Petrópolis, 2002;
- _____, (Org.) *Dicionário de Literatura Patristica*, Ave Maria, São Paulo SP, 2010;

⁵⁸ Documento de Aparecida, 229

- Vv.Aa. *Coleção Patrística*, (32 volumes publicados), Paulus, São Paulo, SP.;
- Daniélou, Jean, *Bíblia e Liturgia – A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja*, Paulinas, São Paulo SP. 2013;
- Kaufmann, Thomas (e outros Orgs.), *História ecumênica da Igreja – Dos primórdios até a Idade Média*. Paulinas/Sinodal/Loyola, São Paulo SP., 2012.